

PAULO FINURAS

Da Natureza das Causas

Psicologia Evolucionista e Biopolítica

Para melhor compreender o nosso
comportamento e as suas origens



EDIÇÕES SÍLABO

*Este livro é dedicado ao génio de Robert Trivers
como um tributo em vida por tudo quanto nos deixa
no domínio das ciências da vida e do comportamento.*

Da Natureza das Causas

Psicologia Evolucionista
e Biopolítica

Para melhor compreender o nosso
comportamento e as suas origens

PAULO FINURAS

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

FICHA TÉCNICA

Título: Da Natureza das Causas – Psicologia Evolucionista e Biopolítica

Autor: Paulo Finuras

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Ânia Finuras

1ª Edição – Lisboa, março de 2020.

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 468308/20

ISBN: 978-989-561-046-4



EDIÇÕES SÍLABO, Lda.

Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Prefácio	11
Introdução	15

PARTE 1

Evolução e Comportamento Humano

1.1. Enquadramento: o novo ambiente evolutivo e o que podemos fazer!	19
1.2. Como nos tornámos naquilo que somos?	24
1.3. O que é que (realmente) nos move?	35
1.4. Porque é que falamos línguas diferentes? Imunidade de grupo e diversidade linguística	38
1.5. Porque é que os homens morrem mais e mais cedo do que as mulheres?	59
1.6. Por que razão há sempre mulheres bonitas nos salões automóveis?	63
1.7. Porque é que somos cooperativos e precisamos tanto de notícias?	65
1.8. Por que razão nos deixamos influenciar pelos outros?	70
1.9. Por que motivo mentimos a nós próprios?	75
1.10. Por que razão acreditamos?	80
1.11. Porque é que pessoas «normais» fazem coisas «anormais»? O Efeito Lúcifer	86

1.12. Será que quando olhamos vemos todos o mesmo? A motivação e a percepção	88
1.13. E se um beijo (não) for apenas um beijo?	90
1.14. Será que o altruísmo existe?.....	93
1.15. Da discriminação salarial entre homens e mulheres: será que a narrativa está (mesmo) bem contada?	95
1.16. O que é que um rosto nos diz?	97
1.17. Se quer compreender o comportamento das pessoas, não pense nelas como pessoas!	110
1.18. Da tragédia dos comuns à tragédia dos humanos?	112
1.19. A razão da(s) nossa(s) inteligência(s): a hipótese do cérebro social	114
1.20. Qual o valor do orgulho?	118
1.21. O que são estereótipos, afinal?	121

PARTE 2

Evolução e Biopolítica

2.1. Das origens e evolução das desigualdades e do Estado: uma perspectiva biopolítica	127
2.2. Porque é que a democracia não é (ainda) a regra nas sociedades humanas?.....	128
2.3. Como aprendemos a lutar contra o abuso do poder?	134
2.4. Porque é que as teorias da conspiração são tão atrativas? ..	139
2.5. Por que motivo alguns indivíduos são suicidas terroristas?..	144
2.6. Porque é que a maioria dos criminosos são homens e não mulheres?.....	152
2.7. Das origens e das causas da corrupção. Será uma questão de escala?	172
2.8. De onde vem a xenofobia anti-imigração?	175

2.9. Por que motivo os homens se preocupam (muito) mais com o estatuto e o poder?.....	179
2.10. Por que motivo são os cargos de liderança e poder dominados pelos homens?.....	183
2.11. Liderança: e quando ter poder não significa ter autoridade?.....	186
2.12. O que é, e para que serve, o prestígio?.....	187
2.13. Como chegar ao poder? Uma perspetiva biopolítica	191
2.14. Por que razão a «esquerda» e a «direita» não se entendem?.....	195
2.15. <i>Cui bono</i> : a quem beneficia o que fazemos na política e não só?.....	199
2.16. Será que o Estado existe mesmo fora dos nossos cérebros?.....	201
2.17. Populismo: nós e eles, os outros!.....	202
2.18. Cooperação, confiança e diversidade: a chave do sucesso da nossa espécie!.....	206
2.19. Psicologia política: será uma questão de <i>upgrade</i> ou de «masculinidade precária»?.....	209
2.20. E a Evolução, será que ainda continua?.....	214
Bibliografia citada e de referência.....	219

«É tanto para satisfazer-vos quanto para proveito próprio que organizei numa certa ordem as investigações que agora vos [apresento]. Elas dizem respeito à natureza do homem, às coisas que estão fora dele e às relações que ele tem com essas coisas.»

Franz Hemsterhuis (1721-1790)
Sobre o Homem e suas relações

«É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.»

José Saramago

«O homem ficará melhor quando lhe mostrarmos como ele é.»

Anton Chekhov

«(...) A essa preservação de diferenças e variações individuais favoráveis e a destruição daquelas que são prejudiciais, chamei seleção natural, ou a sobrevivência do mais apto.»

Darwin, C. (1859/1964)
A Origem das Espécies

«(...) Receia-se com frequência que o maior conhecimento da biologia reduza a vida cultural complexa. (...) O receio é injustificado. Em primeiro lugar, o maior conhecimento da biologia é útil e permite algo de espetacularmente diferente: o aprofundar da ligação entre culturas e o processo de vida.»

A. Damásio
A Estranha Ordem das Coisas
– *A vida, os sentimentos e as culturas humanas*

«Os fenómenos humanos são biológicos nas suas raízes, sociais nos seus fins e mentais nos seus meios.»

Jean Piaget

Prefácio

Nas duas últimas décadas assistimos a desenvolvimentos prodigiosos em domínios como a genética, a paleantropologia, a antropologia, a psicologia evolutiva, as neurociências, a economia comportamental e muitos outros, que revolucionaram o conhecimento sobre a evolução do *Homo Sapiens* e dos seus parentes homínídeos e, por arrastamento, a visão daquilo a que podemos chamar a «natureza humana».

As descobertas da paleoantropologia e a aplicação de poderosas ferramentas desenvolvidas no âmbito da genética, como a sequenciação do genoma e outras, revelam-nos um panorama muito mais complexo da nossa árvore evolutiva, em que a nossa espécie – cujas origens recuam 100 mil anos em relação ao que até há pouco acreditávamos – coexiste com outras espécies do género *Homo* durante períodos mais ou menos longos, por vezes nos mesmos *habitats*, e chega a hibridar-se com elas. Somos o produto de uma longa linhagem que está longe de ser linear, ao longo da qual a seleção natural foi inevitavelmente «filtrando» as nossas características, conservando as mais desejáveis e eliminando as menos favoráveis. Sintomaticamente, em comparação com as outras espécies de homínídeos que acabaram por se extinguir (Neandertais, Denisovanos,...), as vantagens competitivas selecionadas positivamente parecem ter sido muito mais de natureza intelectual (intersubjetividade alargada, capacidade de cooperação em grupos de maiores dimensões) do que física (força muscular, acuidade visual).

Paralelamente, no terreno da antropologia, a descoberta de um número crescente de «universais humanos» – condutas, normas sociais ou valores presentes em todas as culturas – veio pôr em causa o relativismo cultural dominante durante quase todo o século XX, segundo o qual aquelas normas e condutas resultariam exclusivamente do processo de socialização no seio de culturas particulares, por meio dos seus mecanismos colaborativos e transmissivos, e de forma completamente autónoma da nossa natureza biológica e do nosso passado evolutivo.

Estes e outros desenvolvimentos – por exemplo nos domínios da psicologia ou das neurociências – apontam num mesmo sentido: a genética e a seleção natural que lhe está na origem têm uma importância muito maior do que convencionalmente se admitia como motor dos nossos comportamentos, emoções e atitudes, e retira o monopólio às explicações de índole exclusivamente cultural.

Este livro situa-se resolutamente neste novo paradigma, que não nega a influência dos fatores culturais mas considera a cultura simultaneamente como sendo ela própria uma consequência dos processos evolutivos que nos moldaram durante centenas de milhares de anos, e como uma manifestação social que de certa forma se autonomiza dos anteriores em resultado da sua transmissibilidade por via não genética. E que, por via desta autonomização, se constitui como «polo auxiliar» de uma dialética que ora condiciona ora potencia a expressão das nossas características inatas.

No fundo, trata-se de rejeitar definitivamente a velha dicotomia, incompatível com uma visão integrada da pessoa, de que – nas palavras do autor – a biologia serve para explicar a maneira como funcionamos «do pescoço para baixo», mas que do «pescoço para cima» exibimos uma fenomenologia que tem de ser explicada pela psicologia e pela antropologia sem qualquer contributo da biologia.

Para dar corpo a esta revolução epistemológica, Paulo Finuras dedica-se a analisar diligentemente uma extensa variedade de comportamentos (na Parte 1) e de questões de natureza política e social (na Parte 2), conduzindo-nos à descoberta das raízes adaptativas de uns e outros. Escrevendo num estilo informal e interrogativo para incentivar o leitor a seguir as pistas propostas e tirar as suas próprias conclusões, o autor leva-nos frequentemente a momentos de «Aha! Então é por causa disso!»; outras vezes, pode causar-nos alguma perplexidade: «Hmmm... será mesmo essa a razão?». Finalmente, junto dos mais céticos, pode ser objeto de incredulidade e de rejeição pura e simples.

Diga-se que a rejeição destas teses – ou melhor, a indiferença ou ignorância em relação às mesmas – ainda continua a ser o modo de pensamento dominante, em consequência da clivagem histórica entre as ciências «naturais» e as ciências «sociais» que tem conduzido a tantos becos sem saída e que, quando superada, costuma produzir verdadeiros saltos quânticos no conhecimento e abrir caminhos de investigação de enorme fecundidade. Esta indiferença e esta ignorância vão

persistindo apesar daquela síntese epistemológica ter vindo a afirmar-se desde há algumas décadas, e é por esta razão que a presente obra de Paulo Finuras é tão importante e valiosa, ao facultar ao leitor simplesmente curioso, em linguagem acessível e despojada de formalismos académicos, um conjunto de proposições que ainda são estranhas ao público em geral.

Para terminar, impõem-se duas advertências. Em primeiro lugar, a explicação dos nexos causais não implica necessariamente a sua justificação moral. Como o autor abundantemente argumenta, a origem de fenómenos persistentes como o nepotismo, a desigualdade entre os sexos ou o autoritarismo dos líderes tem uma explicação evolutiva, mas resultam da adaptação a um ambiente em que vivemos num passado remoto. Esse ambiente é radicalmente diferente daquele em que a esmagadora maioria da humanidade hoje vive, ao qual o nosso organismo – incluindo o sistema nervoso central e os comportamentos nele «programados» – ainda não teve tempo de se ajustar. Este desfazamento cria uma «armadilha evolutiva» que nos impele a adotar comportamentos e atitudes efetivamente desajustados da realidade atual. Mas não estamos condenados a fazê-lo, como nos mostra aquele que é seguramente o ensinamento mais valioso deste livro: podemos escapar à «armadilha evolutiva» e contrariar os «programas» adaptativos que nos condicionam se tivermos consciência da sua existência e conhecermos os seus mecanismos. Temos de tomar estas pulsões atávicas por aquilo que elas realmente são, um resíduo de tempos remotos que não pode comparar-se com a maior dádiva que a evolução legou à nossa espécie: o *livre arbítrio* conferido por uma inteligência capaz de superar os determinismos ancestrais.

Por outro lado, devemos admitir a possibilidade – aliás natural, pois é essa a natureza do processo científico – de algumas das ideias e conclusões que o autor nos propõe estarem incompletas, ou talvez mesmo erradas. O tempo se encarregará de as validar ou de as refutar. A investigação neste território de charneira entre a biologia evolutiva, as neurociências, a psicologia e antropologia está a atrair um número crescente de cientistas que por sua vez vão abrindo novas direções de pesquisa até então inexploradas – como, por exemplo, o modo como a seleção natural afeta os processos ontogénicos do ser humano,¹ isto é,

(1) Tomasello, M. (2019). *Becoming Human: a Theory of Ontogeny*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.

as idades em que se exprimem determinadas propensões e comportamentos de origem evolutiva – *e.g.* intersubjetividade, intencionalidade partilhada, etc. – e de que forma esses *timings* potenciam os processos de socialização colaborativa e transmissiva que intervêm na modelação dos comportamentos adultos.

De uma coisa, porém, estou certo: sejam quais forem os caminhos que a investigação neste domínio tomar no futuro, Paulo Finuras estará a percorrê-los e a desbravá-los, fechando umas portas e abrindo outras. Ou, numa analogia talvez mais apropriada, vasculhando nos armários e nas gavetas da sala em que se encontra porque já não há mais salas cujas portas valha a pena abrir.

João Paulo Feijoo

Investigador, professor e consultor

Dezembro de 2019

Introdução

Este livro surge na sequência dos meus anteriores trabalhos de divulgação científica no campo da psicologia evolucionista e da biosociologia e é nestes domínios de investigação que a abordagem que aqui proponho vai buscar as suas fontes principais.

Tal como Trivers, também estou convencido que as ciências sociais, em geral, têm falhado no mais elementar: apoiarem-se no conhecimento científico pré-existente. Vimos a Física a apoiar-se na Matemática, a Química a apoiar-se na Física e a Biologia a apoiar-se na Química. Logo, onde deverão apoiar-se as ciências sociais?

Ainda espero que um dia, as Ciências Sociais, consigam apoiar-se na Biologia. Enquanto não o fizerem, continuarão a ser apenas uma constelação de ideias e escolas de pensamento sem integração comum nem relação entre si e ignorando o processo e o contexto evolutivo do qual fazemos parte há milhões de anos. Não admira que tenham tão fraca ou nula capacidade de explicação e previsão, para além do que não há nenhuma razão pela qual não possamos encontrar explicações naturais para todos os comportamentos individuais e coletivos.

Muitas das ideias e descobertas aqui apresentadas, sobretudo as mais relevantes, pertencem, essencialmente, a outros cientistas e investigadores. Eu apenas servi de elo e de difusão das mesmas, acrescentando alguma investigação por mim também realizada e a minha própria interpretação, no contexto da perspetiva evolucionista e biossocial.

Ao longo do livro encontrará múltiplas referências não apenas para dar crédito quando devido, mas também para orientar a curiosidade eventual dos leitores que pretendam saber mais, onde o poderão procurar.

É ainda importante referir que não existe uma ordem específica para ler este livro. Pode começar por onde entender ou escolher apenas os capítulos que o atraírem mais em função das perguntas formu-

ladas. Os conteúdos abrangidos pautam-se pela diversidade e cobrem aspetos tão diversos como a nossa motivação, o terrorismo suicida, a diferença na prevalência do género na criminalidade, o autoengano, as teorias da conspiração, a psicologia moral subjacente ao confronto entre a «esquerda» e a «direita» na arena da (bio)política, ou a diversidade linguística como provável resultado, também, da prevalência histórica de doenças patogénicas, entre outros.

O pano de fundo desta narrativa baseia-se nas raízes evolutivas que estão na base da maioria dos nossos comportamentos. E porquê esta escolha? Porque o estudo do nosso passado e a forma como fomos moldados no quadro da evolução por seleção natural, ajuda a compreender não só o comportamento presente como muitos dos desfazamentos que enfrentamos entre um cérebro forjado na savana e o atual ambiente evolutivo marcado pela volatilidade, a incerteza, a complexidade e a ambiguidade!¹

Por fim, estou convicto que a ideia associada ao paradigma² da Evolução, é tão poderosa que ultrapassa largamente a biologia, e poderá um dia permitir a unificação das várias ciências sociais e do comportamento numa única síntese. Afinal, a ciência é a melhor forma de compreender e explicar as coisas, permitindo-nos pensar e encontrar explicações naturais para todos os fenómenos da realidade, incluindo os nossos comportamentos.

Espero que o leitor tenha tanto gosto a descobrir algumas das causas profundas do nosso comportamento através das lentes da psicologia evolucionista e da análise biossocial, como eu senti ao investigar os temas e a escrever cada texto.

(1) O acrónimo VUCA (no original) foi introduzido pela primeira vez em 1991 pelo Exército dos EUA como resultado das condições extremas no Afeganistão e no Iraque que eram profunda e totalmente novas e mudaram a natureza da guerra. Por isso, e não surpreendentemente, o ambiente social, tecnológico e económico de hoje mudou de forma muito similar. Tal como na guerra, agora, os negócios do século XXI nunca mais serão os mesmos. Porque as regras, as dinâmicas económicas e sociais do século anterior tornaram-se obsoletas e continuarão a mudar.

(2) A palavra paradigma é de origem grega e significa originalmente *padrão*. Hoje na sua forma atual, podemos dizer que um paradigma é uma forma como podemos ver, compreender e interpretar a realidade.



PAULO FINURAS é doutor em Ciência Política pela ULHT e licenciado em Sociologia pelo ISCTE-IUL. É professor associado convidado de Comportamento Organizacional no Instituto Superior de Gestão (ISG), Business & Economics School de Lisboa e Director Executivo da PF Lda. que se dedica à Formação de Gestores e Líderes no domínio da gestão intercultural, do Fator Confiança na Liderança e da Bioliderança. É também, desde 1999, *Associate Partner do Hofstede Insights* da Finlândia. Os seus interesses de investigação são a bio-

política, diferenças culturais, emergência do Estado e da democracia, confiança nas organizações e nas instituições e evolução e liderança. É autor dos livros: *Gestão Intercultural* (3ª Ed. 2011), *Humanus: pessoas iguais, culturas diferentes* (2ª Ed., 2012); *O Dilema da Confiança* (2013), *Valores Culturais e (Des)Confiança nas Instituições* (2014), *Primatas Culturais: Evolução e Natureza Humana* (2015), *O Fator Confiança: A ciência para criar pessoas, líderes e organizações de alta confiança* (2017), *Globalização e Gestão das Diferenças Culturais* (2ª Ed. 2018), e *Bioliderança: porque seguimos quem seguimos?* (2018).

Neste novo livro de divulgação científica, Paulo Finuras volta a integrar a psicologia evolucionista e a análise biossicológica para desvendar a natureza de diversos comportamentos humanos e as suas causas mais profundas.

Este livro é especialmente dirigido aos leitores que se interessem pelo que significa ser-se humano e sintam curiosidade sobre as origens e as causas das nossas ações e reações e da nossa psicologia política e comportamental.

Da Natureza das Causas

Psicologia Evolucionista e Biopolítica

